

A RELAÇÃO ENTRE LITERATURA DE TESTEMUNHO, MEMÓRIA E VERDADE

THE RELATIONSHIP BETWEEN TESTIMONIAL LITERATURE, MEMORY AND TRUTH

Edson Sa dos Reis¹

Resumo: O esforço deste artigo é o de pensar a relação entre *memória* e *verdade*. Essas reflexões se embasam e tomam corpo na exposição a partir de três pensadores, quais sejam, Primo Levi, Platão e Walter Benjamin. A literatura de testemunho exposta na *trilogia de Auschwitz* de Levi, apresenta a relação necessária da exposição da verdade dos campos de concentração (*Konzentrationslager*), tendo como ponto de partida a memória e, assim, nos lança para a investigação entre o entrelaçamento destes dois conceitos na história da filosofia. Neste sentido, Platão e Walter Benjamin, por conterem no interior de seus pensamentos a memória como categoria capital para apresentação da verdade, são abordados para compreendermos como se desenrola nosso problema. O primeiro põe a *reminiscência* (*anámnēsis*) como caminho para a verdade objetiva das coisas. O segundo, utiliza o conceito de *rememoração* (*Eingedenken*) para resgate do passado na iluminação do presente, apresentando a verdade no desenvolvimento da história. Por fim, a memória ganha importância para pensar a verdade no interior da realidade que nos cerca, tornando-se a via pela qual esta última se apresenta.

Palavras-chave: Memória. Verdade. Apresentação. Literatura de Testemunho.

Abstract: The effort of this article is to think about the relationship between memory and truth. These reflections are based and take shape in the exhibition from three thinkers, namely, Primo Levi, Plato, and Walter Benjamin. The testimonial literature exposed in the *Auschwitz trilogy*, by Levi, features the necessary relation of the exposure of the truth of the concentration camps (*Konzentrationslager*), starting from memory, and, therefore, launches us for the investigation between the intertwining of these two concepts in the history of philosophy. In this sense, Plato and Walter Benjamin, as they contain memory within their thoughts as the capital category for presenting the truth, are approached to understand how our problem unfolds. The first puts *reminiscence* (*anámnēsis*) as a path to the objective truth of things. The second, uses the concept of *remembrance* (*Eingedenken*) to rescue the past in the illumination of the present, presenting the truth in the development of history. Finally, memory gains importance to think the truth within the reality that surrounds us, becoming the path through which the latter presents itself.

Keywords: Memory. Truth. Presentation. Testimonial Literature.

1. A literatura de testemunho: relação entre memória e verdade

Nosso trabalho se guia a partir da exposição de Primo Levi sobre os acontecimentos do século XX conhecidos como campos de concentração (*Konzentrationslager*). Os escritos do autor italiano colocam em evidência um problema

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará. E-mail: edson.reis@prof.ce.gov.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3519-4218>

filosófico que persiste desde a Grécia antiga com Platão, qual seja, a relação entre a *memória* e a *verdade*. Como se sabe, essa relação é apontada exhaustivamente nos diálogos platônicos e continua até hoje na filosofia. Sabendo que esses dois conceitos são intimamente ligados, como demonstraremos, procuraremos investigar neste escrito como esta ocorre e em prol do quê, bem como o porquê de sua importância no filosofar dos dias atuais.

A literatura de testemunho, ou literatura da *Shoah*², nasce após os extermínios nos campos nazistas e funda-se na necessidade de contar as experiências vividas no interior dos *Lager*³ para o mundo. Ela implica uma tarefa dupla: primeiro, uma possibilidade de libertação interior dos sobreviventes; segundo, o apelo para não repetição dos campos de concentração. Deste modo, seu esforço é apresentar os terrores vividos na esperança de que estes não se repitam para nenhum ser humano. Nesta perspectiva, traçar o que é a literatura de testemunho é necessário, pois ela parece dar a tônica ao problema da relação entre memória e verdade como apontamento dessas categorias na luta política contra todo sistema que se pretenda totalitário.

O testemunho se inscreve no método de apresentação que visa dar conta dos fenômenos narrados com a formação de uma ideia que procura revelar os acontecimentos no terceiro Reich. Sua forma, enquanto apresentação, não está desvinculada de seu conteúdo, qual seja, a memória, pois apenas na memória se pode dar a sua verdade. Assim, o esforço de Levi não se constitui em representar os fatos a partir de um encadeamento lógico aos moldes da ciência moderna, mas antes apresentar, a partir de sua memória acerca do que houve, uma ideia da experiência do *Lager*, que se inscreve em um gênero intitulado literatura de testemunho.

Este gênero como ideia que se projeta com vistas ao duplo sentido indicado é a tentativa de aviso da possibilidade de repetição dos *Lager* nazistas. Segundo expõe Levi, Auschwitz não teria acabado com a destruição de seu monumento concreto, mas persistiria no inconsciente coletivo⁴. Isso aponta para um horizonte possível de que os

² *Shoah* é a palavra hebraica que pode ter como correspondente em português o vocábulo catástrofe. Há uma discussão acerca do termo holocausto, isto porque este traz a ideia de sacrifício à Deus e não condiz com o que ocorreu nos *Lager*. Por isso a literatura de testemunho é literatura da catástrofe que se abateu sobre os judeus e não a apresentação de um sacrifício no tabernáculo onde ofereciam holocausto ao Senhor. Para esta discussão indicamos ao leitor o livro *O que resta de Auschwitz* de Giorgio Agamben.

³ Adotaremos no decorrer do texto a palavra *Lager* para Campos de Concentração e Trabalho, seguindo a escrita de testemunho de Primo Levi.

⁴ O aviso sobre a repetição dos campos de concentração é constante na obra de Levi. Podemos notar essa preocupação percorrer toda a obra do autor, seja na chamada *trilogia de Auschwitz*, seja em pequenos textos como *“Um passado que acreditávamos não mais voltar”*, publicado no *Corriere della Sera* em maio de

males e horrores desta experiência aconteçam novamente na civilização pós-guerra. O testemunho e sua literatura seriam, portanto, a ideia de que o acontecimento pode ocorrer novamente e, ao mesmo tempo, a tentativa de impedir esta repetição.

Esta palavra, testemunho, pode ser apresentada como derivada do grego. Emiliano Aquino nos dá um ponto de vista interessante sobre a origem do termo testemunha, partindo de uma análise sobre o historiador grego Heródoto:

[...] *Historía* significa, precisamente, “investigação”, “resultado de uma indagação” ou ainda “relato, relatório do que se investiga”. O seu verbo correspondente é *historieîn*: investigar, relatar o que soube ou viu. Esse substantivo *historía* e esse verbo *historieîn* remontam a um outro substantivo mais antigo, que já aparece na poesia épica [...], que é *hístor*, a figura, nos processos judiciais, tanto do *árbitro*, aquele que pode decidir (e porque *sabe* decidir), quanto da *testemunha*, que sabe porque viu. Segundo o linguista Émile Benveniste, *hístor* seria ‘aquele que sabe, mas, antes de tudo, enquanto aquele que viu’. (AQUINO, 2006, p. 18-19)⁵.

Testemunho significaria apresentar o visto, o ocorrido e esta apresentação procura o não esquecimento do fato. A experiência apresentada na literatura de testemunho procura não ser esquecida, persiste na memória do sobrevivente, no entanto, sua revelação possui um objetivo claro, não repetir tal experiência. Aquele que viu e viveu a experiência do *Lager* é a testemunha, aquela que pode relatar e investigar o fato com a propriedade necessária para dar conta de sua significação e verdade. A testemunha é aquela que pode pôr na história o que tentaram esconder da humanidade.

A apresentação do *Lager* só poderia se dar, segundo Primo Levi, partindo da categoria da *memória*. Como sabemos, as provas concretas referentes ao que foi feito no *Lager* foram destruídas pelos nazistas⁶, modo pelo qual esperavam manter o segredo acerca do massacre. Com base nesse fato, o testemunho só poderia ser construído a partir da memória daqueles que sobreviveram. Os sobreviventes foram as provas que os alemães não conseguiram destruir e que poderiam revelar ao mundo o segredo que tanto tentaram manter. É neste panorama, que traz consigo a falta de provas concretas objetivas, ou seja, documentadas oficialmente, que a memória se constitui como a categoria mais importante

1974 e *Para que não se repitam os holocaustos de ontem (matanças nazistas, multidões e TV)*, publicado em *La Stampa* em maio de 1979.

⁵ Giorgio Agamben em sua obra *O que resta de Auschwitz* também procura traçar a etimologia do termo Testemunha, no entanto, parte do latim. Remetemos o leitor para a leitura do livro de Agamben onde a discussão do termo está localizada no primeiro capítulo de seu livro.

⁶ Hoje várias provas podem ser encontradas, no entanto, o grande plano era o encobrimento de todo o acontecimento para que o mundo jamais soubesse sobre o ocorrido.

acerca do testemunho. Tal categoria, para a filosofia, possui um íntimo laço com a *verdade (Alétheia)* e procuraremos examinar essa relação no presente trabalho.

A esse respeito, duas filosofias serão de importância capital para demonstrar a íntima ligação entre memória e verdade, categorias centrais a que nos reservamos o exame, quais sejam, a de Platão e a de Walter Benjamin em sua filosofia da história. Com efeito, a *teoria da reminiscência* é o pilar da teoria do conhecimento platônico, onde o saber do homem sobre a verdade das coisas é pautado por este conceito. Por sua vez, a filosofia da história de Benjamin, como bem demonstra em seus escritos, é também pautada na memória, no entanto, não se trata de qualquer memória, mas a memória daqueles que se foram.

2. A importância da memória na filosofia de Platão e Walter Benjamin.

Começamos pelo filósofo grego e a contemplação da importância da memória em sua filosofia. A *reminiscência (anamnēsis)* em Platão é um dos pontos nevrálgicos de sua exposição filosófica no descobrimento da verdade. Segundo o pensador, o que chamamos de aprendizado, é, no fundo, reminiscência⁷. Ao pensar, nos referimos às lembranças diretas ou indiretas no processo de pensamento, e quando aprendemos, na realidade, o que está ocorrendo é uma cadeia de lembranças que relacionamos umas com as outras para a constituição do conhecimento. Este deve se dirigir para a verdade das coisas, ou, como bem apontaria o filósofo grego, às ideias. O processo de reminiscência leva, segundo o pensamento platônico, a inteligibilidade do verdadeiro, as ideias como formulação objetiva dos fenômenos, pondo-os em relação com a eternidade, portanto, o verdadeiro, este é o modo pelo qual o filósofo apresenta o mundo.

[...]Ao ver pedaços de madeira iguais e pedras ou outras coisas iguais, não extraímos delas um conhecimento da igualdade ela mesma, a qual é uma outra coisa? Ou não pensas que seja uma outra coisa? Considera o assunto desta maneira: pedaços de madeira iguais e pedras iguais, ainda que persistam sendo os mesmos, não nos parecem às vezes iguais num aspecto, mas desiguais num outro? (PLATÃO. 74b)

⁷ O processo de aprendizagem a partir da reminiscência pode ser visto no diálogo *Mênon (ou da Virtude)* onde Sócrates demonstra a Mênon que até mesmo um escravo pode chegar à conclusões verdadeiras a partir de perguntas que o levam a lembrar da verdade. É interessante notar que não se trata aqui de conhecimento adquirido, mas de conhecimento inato que pode ser acessado pela memória. Esse diálogo com o escravo pode ser conferido nos fragmentos 82 à 85 das obras de Platão.

[...] é desses iguais, ele disse, “ainda que diferentes da igualdade ela mesma que concebes e adquire conhecimento da igualdade ela mesma?”[...] “Toda vez que a visão de uma coisa te leva a pensar em uma outra coisa, sejam semelhantes ou dessemelhantes, trata-se necessariamente de reminiscência.” (PLATÃO. 2015. 74cd)

Ora, os dois pedaços de madeira, ainda que semelhantes e não iguais, remetem a uma ideia, qual seja, a de igualdade. Mesmo na negação da igualdade do exemplo citado, a ideia de igualdade persiste em sua forma do ser enquanto ser. Não se trataria em Platão da igualdade passageira, daquela que perece perante o tempo, mas da igualdade mesma, aquela que é enquanto é e não se modifica, isto é, que habita na eternidade. O procedimento se dá não pelo acréscimo de conhecimento, mas pela lembrança. Ver coisas semelhantes e conceber a apresentação da ideia de igualdade. A memória, ou reminiscência, é de extrema importância na concepção platônica do conhecimento das ideias. E é a esse conhecimento das ideias que Platão compreende como verdade das coisas.

A reminiscência dirige o pensamento para a contemplação das ideias, estas se apresentam no mundo a partir dos fenômenos. Ao mirar o fenômeno, entrevemos, a partir da reminiscência, doutrina exposta no *Fédon*, a ideia. Este conceito é a verdade (*Alétheia*), pois como habita na eternidade sem nunca se modificar, está salvo das alterações do mundo ordinário, ou, para falarmos em termos platônicos, do mundo sensível. O trabalho de lembrar, isto é, recordar, é parte do processo sensível de intelecção das ideias na eternidade.

A construção do vocabulário do filósofo grego demonstra a ligação entre verdade e memória. *Alétheia*, palavra que lemos como verdade nos diálogos do filósofo, possui uma formação específica, isto é, o prefixo de negação *A* é posto em conjunto com *Lethe*, esquecimento. Verdade, segundo a etimologia da palavra *Alétheia*, é, literalmente, não esquecer. O não esquecer é posto por Platão no terreno da eternidade da ideia como modo de salvar os fenômenos de sua transitoriedade sensível.

Isto nos demonstra que Platão vê a verdade como retirada do tempo. Verdade é a salvação dos fenômenos da transitoriedade do mundo a partir da qual a ciência pode ser fundada e permanecer mesmo diante das mudanças. O caminho para a verdade como fundamento fora do tempo em sua filosofia é a memória que abarca o passado, livrando-o da fúria enlouquecida de Chronos.

Desse modo, memória e verdade possuem uma íntima relação, que é também apropriada pelo ato do testemunho de Levi, ainda que em uma configuração diferente. A

semelhança aponta para a ideia de igualdade, esta não encontrada no plano dos objetos semelhantes, mas tão somente em ideia. A memória dos semelhantes aponta para ideia enquanto verdade daquilo que é e este ser é estar fora salvo do tempo e da mudança que ele traz.

É nesse sentido, no aparentado na relação com a verdade, que a memória se constituiria também, com importância capital, para Walter Benjamin. Seu papel seria o de pôr em evidência a verdade, que não se encontra no plano histórico tradicional⁸, mas no plano daquilo que foi esquecido e excluído. Esse “excluído” diz sobre os esquecidos e lembrá-los para pô-los em evidência é o papel do historiador em Benjamin. É, com vistas a esse pensamento, que segue seu escrito publicado postumamente, *Sobre o conceito da história*. Neste, o autor visa a categoria de *rememoração* (*Eingedenken*), que significa trazer de volta ao plano histórico aqueles que foram apagados pela historiografia burguesa. Tal pensamento implica a crítica das categorias de *história como encadeamento de acontecimentos no sentido cronológico, bem como a de progresso*.

As análises de Benjamin sobre a história propõem uma crítica ao historicismo moderno. Segundo o filósofo, a história se desenrolaria nos moldes da ciência moderna, encadeada cronologicamente em desenvolvimento contínuo. Essa tese aparece para nós como uma tentativa do estudo histórico regido por leis, assim como a ciência moderna inaugurada pela mecânica newtoniana, onde o universo é regido por leis inquebráveis. Assim como a ciência natural, a pesquisa histórica deve ser vista como ciência que se funda em leis, o que obriga ao historiador burguês a constituição de uma cadeia de fatos, estes implicam a exclusão de fatos sem importância para o andamento da civilização burguesa, ou, a marcha civilizatória europeia. Para o autor das *Teses*⁹ :

O curso da história como se apresenta sob o conceito da catástrofe não pode dar ao pensador mais ocupação que o caleidoscópio nas mãos de uma criança, para a qual, cada giro, toda ordenação sucumbe ante uma nova ordem. Essa imagem tem uma bem fundada razão de ser. Os conceitos dos dominantes foram sempre o espelho graças ao qual se realizava a imagem de uma “ordem”. – O caleidoscópio deve ser destruído. (BENJAMIN, 1989, p. 154)

⁸ Este “plano histórico tradicional” é o terreno da historiografia. Benjamin a lê como a história dos vencedores, isto é, terreno sob o qual aquele que vence conta a história como lhe convém. Em contraposição a isto, o filósofo alemão cunha o termo história dos vencidos. A verdadeira história não contaria apenas a versão dos vencedores, mas dos vencidos e esquecidos.

⁹ A partir de agora citaremos o texto *Sobre o conceito da História como Teses*.

A história tradicional é interpretada sob o conceito de catástrofe. Esta categoria é cara a Benjamin e se traduz como a realidade positiva que se apresenta e que nos é permitida viver. Esta é instada dentro da realidade regida pelos dominantes que constroem os conceitos que imperam na vida cotidiana social. Dessa maneira, a história se constitui como parte da ideologia de fundo para a manutenção do *status quo* vigente. Esse pano de fundo é exclusivo à medida que a investigação histórica é pautada pelo conceito de catástrofe, pois exclui deliberadamente suas contradições, como o massacre de povos e raças em outros continentes, ou até mesmo a luta de classes na Europa, que põe em risco o mundo positivo instaurado pela classe burguesa, o que impede de ver a totalidade do real e suas contradições imanentes. Nesse sentido, o papel do historiador na citada visão não é descobrir a verdade histórica, apesar de ser esse o discurso aparente, mas sedimentar a realidade tal como é. Assim, o historiador burguês é descrito como uma criança que brinca com o caleidoscópio que muda as cores, mas não a ordenação imposta da realidade, sem exercer um papel real de mudança.

A concepção historiográfica burguesa está calcada no conceito de progresso, onde a história é vista linearmente, um todo lógico sequencial onde o tempo é homogêneo. Isso permite que a história seja construída em uma ordenação de exclusão. Não existe a história da escravidão, da luta dos povos oprimidos, existe, antes, a marcha civilizatória em prol da raça humana, centralizada, claramente, no conceito de homem europeu. Logo, toda a história caminha sempre para o conceito de progresso, nesta óptica todo o tempo caminha para o melhor. Assim, o tempo com essa visão é tomado pelo conformismo antirrevolucionário em prol da ordem social vigente não passível de mudança e continuação do *continuum* histórico.

Neste sentido, nos diz Benjamin “A ideia de um progresso da humanidade na história é inseparável da ideia de sua marcha no interior de um tempo vazio e homogêneo. A crítica da ideia de progresso tem como pressuposto a crítica da ideia dessa marcha” (BENJAMIN. 1994. p. 229). O progresso é a ideologia de sustentação do historicismo burguês. Por isso, não há separação entre o culto ideológico ao progresso e a marcha da história tradicional, pois ambos são equivalentes, de modo que a crítica abrange os dois conceitos pela sua relação intrínseca de sustentação. A crítica, é, para Benjamin, a possibilidade de quebra do *continuum* da história enquanto historiografia. Nessa perspectiva, tanto a historiografia burguesa, quanto o método historiográfico socialista se alinham sob a perspectiva do futuro como progressão qualitativa positiva, como nos diz Jeanne Marie Gagnebin:

[...] Apesar de sua aparente oposição, o historicismo burguês e historiografia determinista socialista convergem, segundo Benjamin, numa concepção linear do tempo como cronologia insossa e numa concepção unilateral da memória, que é entendida como mero instrumento a serviço da vontade de acumulação. Benjamin, opondo-se à tradição que concebe o tempo como *chronos* linear e indiferente, propõe que tal instância deve ser compreendida como intensidade e inovação. O filósofo retoma a antiga tradição do momento oportuno, do *kairós* – categoria essencial para o pensamento político antigo (saber agarrar o instante decisivo da transformação possível), mas também retórico (saber encontrar o argumento decisivo que consiga persuadir) e teológico (o momento da iluminação e da conversão). (GAGNEBIN. 2014. p. 241)

Ora, as duas oposições entre o modo burguês de construção histórica e o modo socialista convergem a partir do modo de olhar o tempo como linear e *continuum*. Este, regido pelo antigo titã Chronos, é compartilhado pelas duas oposições. A postura radical de Benjamin é a quebra desse tempo regido pelo antigo titã. Na realidade, o tempo deve ser articulado pela intensidade e inovação que este propõe e não por uma linearidade posta como lei eterna e imutável do tempo. Para isso, a retomada da categoria de *kayrós* (*o tempo-de-agora, o tempo que resta, o tempo messiânico*) é essencial, pois implica viver a ressonância não do passado no presente, mas do presente sob o passado. A ideia enquanto intensidade ganha vida no pensamento de Benjamin em sua filosofia da história.

A quebra do *continuum* da história só pode ser efetuada a partir de uma reconfiguração da ideia de história. Assim como em Platão, a reminiscência possui papel crucial na teoria da verdade, esta, configurada nos moldes de Benjamin, é a verdade histórica. A história, até o momento apresentada como catástrofe, se desenrola no que o filósofo chama de tempo vazio e homogêneo, e deve ser, como na afirmação feita acima, destrocada. Daí a reivindicação exposta na oitava tese: “A tradição dos oprimidos nos ensina que o *estado de exceção* em que vivemos é na verdade a regra geral. Precisamos construir um conceito de história que corresponda a essa verdade” (BENJAMIN. 1994. p. 226). Um conceito de história que corresponda a verdade omitida na história tradicional, qual seja, a história dos oprimidos. A tarefa de destruição da história tradicional é relegada a história dos oprimidos, deliberadamente excluídos, ou melhor, esquecidos na historiografia burguesa. Assim, a *rememoração* (*Eingedenken*) é trazida na teoria de Benjamin como ponto chave do processo. Ela está ligada a verdade da história. A apresentação dessa verdade deve ser o seu foco.

A rememoração é o gesto de retomada entre o esquecido e o lembrado. Esse esquecido propositalmente pela história e o presente que o lembra, é outro tipo de lembrar, atravessado pelo movimento conjunto e oposto do esquecimento que é tomado por Benjamin, não enquanto um mero apagar, mas como uma atividade ativa do lembrar. Rememorar o esquecido em sua figura enquanto *kairós* e não enquanto processo de apagamento, mas de avivamento dos momentos decisivos. Nessa fulguração, nesse aparecimento do relegado pela história tradicional como lixo, é onde a história pode realmente se constituir como verdade. Esses fragmentos, nunca iguais e homogêneos, constituem a dimensão de totalidade da história. Essa totalidade é salva na ideia, uma imagem fragmentada, mas salva em sua totalidade como mosaico, ou antes, como quer o filósofo em seu livro sobre o barroco¹⁰, uma constelação. São os momentos isolados e apagados da história tradicional que forma a possibilidade de encarar a história como ideia, ou totalidade, ainda que não homogênea. A ideia, como vimos em nossa apresentação de Platão, se distingue dos momentos, mas os momentos dão acesso a esta ideia, qual seja, a de história enquanto relação ativa entre o esquecer e o lembrar em prol do *kayrós* como presente, *tempo-de-agora*. Nesse sentido, pela reminiscência o passado esquecido é salvo na ideia de história como verdade histórica e não como tempo homogêneo e vazio.

É sob a ótica da fragmentação do tempo, da interrupção das imagens que a reminiscência nos traz, que repousa a possibilidade de construção do passado dirigido ao presente e de um presente que se dirige a um passado, presente não meramente passivo, contemplativo, mas ativo em suas interrogações acerca da intensidade do lembrado para sua construção presente. Nessa perspectiva, o presente não se dirige passivamente ao passado, mas ativamente, ou seja, não se lembra do passado pelo passado, mas sim pelo que persiste do passado no presente. Pelas variadas lutas travadas *no* presente, como a luta negra, a luta feminista, LGBTQI+, o passado é lembrado pela opressão que persiste a esses grupos. Não se lutaria pelo movimento negro, feminista e LGBTQI+ porque aconteceram, mas porque ainda acontecem. Apenas o presente tomado como *kayrós*, *tempo-de-agora*, messiânico, pode quebrar, destruir o caleidoscópio e romper o *continuum* histórico.

Disso se segue que a possibilidade de quebra do tempo linear, bem como a exposição da verdade, segue o caminho da memória dos esquecidos retomada no presente.

¹⁰ *A origem do drama barroco alemão*. Livro escrito para obtenção de livre docência e que foi reprovado pela banca.

Estes esquecidos e excluídos dos documentos da história oficial falam da atualidade vivida. Postos de fora da história pela corrente ideológica burguesa, nos clamam pela luta presente que persiste. Seu modo de comunicação não é a voz que ecoa do passado para o presente, mas o grito dos males atuais que ecoam no passado desde sempre. É uma retrospectividade que procura a memória daqueles que sofreram porque muitos ainda sofrem. A ameaça e sua concretização no atual despertam as forças esquecidas pela história em prol da apresentação do real e de suas contradições. É sob esse horizonte que a verdade se mostra, o horizonte do esquecido que retorna para prestar contas com o presente.

Esse rompimento em prol da formulação de uma ideia que salve os fenômenos nos é essencial, uma vez que visamos traçar a ideia de testemunho e, como toda ideia aos moldes platônicos, só pode ser formada na *reminiscência*, ou, aos moldes da filosofia da história de Benjamin, na *rememoração*. Tal afirmação se torna mais aguda no caso da literatura de testemunho, pois é a memória seu material mais consistente para formulação da verdade excluída e apagada e que não pode ser articulada na representação encadeada na forma de uma explicação causal do vivido, ou antes, da história tradicional, mas apenas nos apontamentos da reminiscência para formulação de uma ideia, que *apresenta* isto que foi vivido, em uma articulação objetiva, possível apenas com o passar dos anos, no caso do testemunho.

3. O método de Primo Levi: a decantação

Até o momento procuramos nos apoiar em dois filósofos que tem na memória seu horizonte de sustentação e apresentação da verdade. Se Platão procura o fundamento da ciência e da *Alétheia* pela via da memória, Benjamin segue o mesmo caminho, ainda que este último não procure a eternidade, mas a mudança do tempo presente pela voz dos esquecidos. Na literatura de testemunho a memória consiste também como categoria de apresentação da verdade. No entanto, ela não é desprovida de falhas, de modo que um método se faz necessário para que ela expresse a verdade do acontecimento. O pensador italiano não é ingênuo quanto as falhas que podem haver na memória e por isso, em *Os afogados e os sobreviventes (I sommersi e i salvati)*, nos avisa sobre a exposição:

A memória humana é um instrumento maravilhoso, mas falaz. [...] Conhecem-se alguns mecanismos que falsificam a memória em

condições particulares: os traumas, não apenas os cerebrais: a interferência de outras recordações “concorrentes”; estados anormais da consciência; repressões; recalques. Todavia, mesmo em condições normais desenrola-se uma lenta degradação, um ofuscamento dos contornos, um esquecimento por assim dizer natural, a que poucas recordações resistem. (LEVI 2004 p. 19)

Como a memória não é uma categoria desprovida de erro e falhas, nosso autor assevera a necessidade de estar consciente acerca de seus problemas. Sabemos que, em certas condições, como estados anormais, a memória é capaz de nos ludibriar e até mesmo se falsificar¹¹. Desse questionamento, nasce o método de Levi, pois, se a memória constitui em si falhas, ela é, ao mesmo tempo, o material pelo qual se pode chegar à verdade. É ela a possibilidade de estabelecer pela palavra dos vencidos, no caso, os prisioneiros dos *Lager*, a verdade escondida pelos nazistas. Por isso Primo Levi invoca o conceito de *decantação* (*decantazione*), oriundo de sua formação como químico:

Houve, em primeiro lugar, a decantação, processo desejável e normal, graças ao qual os fatos históricos só adquirem suas linhas e sua perspectiva alguns decênios após sua conclusão. No fim da Segunda Guerra Mundial, os dados quantitativos sobre as deportações e sobre os massacres nazistas, nos Lager e em outros lugares, não estavam disponíveis, nem era fácil entender seu alcance e especificidade. [...] (LEVI, 2004, p.15-16)

O conceito de decantação¹² é derivado da Química, isto porque ela é a área de formação do autor. Trata-se do processo de separação de misturas heterogêneas visando a purificação dos materiais químicos utilizados nos laboratórios. Essa separação permite que o elemento A não se misture ao elemento B, para que se possa delimitar seus componentes sem a interferência de outros. Essa retirada das impurezas nesse método químico é de alta necessidade, uma vez que é necessário isolar os elementos analiticamente para só então traçar sua pureza e procedência em seus graus de formação para caracterizá-los. Trata-se, portanto, no testemunho, de separar as lembranças sobre os fenômenos do campo para melhor analisá-los. O conceito de decantação se traduz como

¹¹ Procurei trabalhar as falhas da memória a partir de Primo Levi e Sigmund Freud em um artigo anterior intitulado: *Significação da memória e do testemunho em Primo Levi*, publicado em 2020 na revista *Modernos e Contemporâneos da Unicamp*.

¹² É interessante o duplo significado da palavra. Decantação é também uma prática de escrita poética ou em prosa, decantar versos em celebração e exaltação. E é esse duplo movimento que o conceito de decantação assume em Primo Levi, primeiramente a separação das impurezas da memória para só então pô-las na escrita que visará exaltar os que não puderam falar ou, pelo menos, colocá-los em evidência na história, como veremos adiante.

método para separação e junção dos fenômenos em uma ideia que possibilita inteligir a realidade da experiência concentracionária. Esta perspectiva se aproxima do processo que apresentamos acima, tanto nas formas platônicas, quanto nas benjaminianas, isto é, de resgate dos acontecimentos apagados na história para o traçado da ideia e põe a memória como a possibilidade de apresentação da verdade. Isto torna o último livro da *trilogia de Auschwitz*¹³ a pedra de toque referente a conceitualização como mediadora da ideia de testemunho no decorrer do tempo, propondo um esquecimento emotivo dos acontecimentos em troca de uma memória ativa de conceitualização do fenômeno para sua compreensão que interroga a veracidade da ciência histórica e põe o acontecimento como parte da verdade histórica escondida. O tempo possibilita que o sobrevivente se ocupe das lembranças de forma a separá-las e vê-las posteriormente em sua totalidade na ideia. Não só elabora, mas consegue enxergar os conteúdos em sua veracidade mesma, sem aumentar ou deixar apagar-se em seu tom conceitual e ideal.

Decantar, neste caso, é o esforço de lembrar sem as impurezas das falhas naturais ou temporais da própria memória. Para além da separação, a decantação aponta constituir um modo de criação, isto é, transformar estes elementos mnêmicos em relatos conceituais do ocorrido. Se em um primeiro momento, separa-se elementos impuros para o traçado de uma verdade sobre os campos, em um segundo, isto que foi separado deve configurar um apanhado conceitual para tradução destes elementos. Esta segunda etapa aparece como uma visão melhorada sobre o ocorrido, de modo a traçar veracidade na narrativa.

Este processo demanda tempo e esforço do sobrevivente, uma vez que lhe é necessário reviver o *Lager* a partir das lembranças dolorosas do encarceramento. Logo, não se trata de um ato indolor, mas de enfrentamento dos fatos buscando expor sua verdade. Porém, se em um primeiro momento o modo de abordagem do conceito de decantação se coloca como sofrimento autoinfligido pela testemunha, ao mesmo tempo ele se põe como libertação interior desta. E este esforço conceitual, analítico e criador constrói a força para que se possa libertar individualmente e coletivamente. Esta segunda libertação é a construção do discurso para que o outro possa ouvir e estar ciente do que aconteceu na experiência do *Lager*.

Segundo o exposto, decantação não se restringe apenas ao processo de separar elementos, mas está ligada também ao modo de construção literário que implica criação. Não se deve confundir aqui criação com mentira, pois é exatamente o modo de evitar esta

¹³ *Se questo è un uomo* de 1947, *La tregua* 1963 e *I sommersi e i salvati* 1986.

segunda para alcançar o patamar do verdadeiro. Este é possibilitado por esta categoria, que salva os fenômenos, isto é, as lembranças do sobrevivente, em uma ideia, aos moldes platônicos, que figura como aviso de possibilidade de repetição do fato. E, neste sentido, este conceito de Levi seria o método de construção da apresentação de uma catástrofe que ainda nos ameaça e que não devemos esquecer.

Ora, se dissemos que não devemos esquecer, estamos diante de uma luta contra o tempo e decantar é um modo de enfrenta-lo. Assim como a *reminiscência* (*anámnesis*) em Platão e a categoria de *rememoração* (*Eingedenken*) em Walter Benjamin, o processo de decantação em Levi se coloca como modo de salvar os submersos e sua memória para que não se esqueça do terror vivido em Auschwitz na esperança de que ele não se repita.

O processo de decantação é o método de Levi para nos fornecer um apanhado ideal, portanto, verídico da experiência do campo, onde os contornos são delineados com o cuidado da elaboração do pensamento. Ademais, apesar de o processo de decantar estar ligado às memórias do sobrevivente, não se trata apenas de um processo subjetivo de análise do indivíduo, mas de um desenrolar histórico que ganha contornos mais fortes e verdadeiros com as grandes descobertas dos dados empíricos sobre os campos. Tal método propõe ser uma análise filosófica-sociológica acerca da veracidade dos fatos, salvos nas ideias, no resgate da história dos que não puderam contar, ou seja, as milhares de vítimas do sistema de concentração nazista.

Haja vista a compreensão do método de decantação, não apenas como o subjetivo, no sentido de traçar uma autobiografia do autor, mas também como o histórico dos dados que vão sendo descobertos no decorrer do tempo, podemos traçar o valor da memória na teoria da verdade do *Lager*. Essa relação é importante, pois foge da metodologia tradicional criticada por Benjamin, essa que busca interpretar o passado por ele mesmo como um tempo imutável em que o presente não interfere, uma via de mão única onde todo presente se torna resultado do passado, pelo contrário, o passado aqui é diretamente influenciado pelo presente com a categoria de reminiscência que o desdobra como seu presente na ideia. A apresentação da verdade do *Lager* na literatura de testemunho é antes sua atualização na ideia, traçada por Levi quarenta anos após a libertação dos campos de concentração.

Na esteira de Platão e Benjamin, Levi segue uma teoria da memória para traçar a verdade dos campos. A reminiscência é sua mais importante categoria metodológica para conceber a apresentação da verdade. Pode-se notar o entrelaçamento de três categorias centrais no decorrer da filosofia, quais sejam, memória, apresentação e verdade, como

podemos apontar tanto em Platão como em Benjamin. Rememorar é necessário e sua apresentação constitui o desdobramento da verdade. No livro sobre o barroco, bem como a apresentação acerca do papel da reminiscência em Platão, Walter Benjamin traça o primado da apresentação enquanto verdadeiro método do filosofar:

[...] A quintessência do seu método é a Apresentação. Método é caminho indireto, é desvio. [...] Sua renúncia a intenção, em seu movimento contínuo: nisso consiste a natureza básica do tratado. Incansável, o pensamento começa sempre de novo, e volta sempre, minuciosamente, às próprias coisas. Esse fôlego infatigável é a mais autêntica forma de ser da contemplação. Pois ao considerar um mesmo objeto nos vários estratos de sua significação, ela recebe ao mesmo tempo um estímulo para o recomeço perpétuo e uma justificação para a intermitência do seu ritmo. (BENJAMIN. 1984. p. 50)

A filosofia apresenta seu conteúdo com fôlego sempre novo e incansável. Seu conteúdo apresentado, seguindo o filósofo na esteira do pensamento platônico, são as ideias, de modo que “Se a apresentação quiser afirmar-se como o verdadeiro método do tratado filosófico, não pode deixar de ser a *apresentação das ideias*” (BENJAMIN. 1984. p. 51), é nesta apresentação das ideias que a verdade se faz presente. Aqui, a determinação primeva da filosofia persiste, qual seja, a identidade entre ideia e Ser. A verdade enquanto o ser das coisas se encontra *presente no bailado das ideias* apresentadas, que só podem encontrar apresentação partindo da reminiscência dos fenômenos a qual ela organiza para salvá-los. Essa salvação só pode ser, em nossa leitura atravessada, efetuada a partir da memória que relampeja do passado no presente.

Apresentar é mostrar aquilo que foi escondido. Esta operação de falsificação da verdade é vista no decorrer da história, como diria Benjamin, como história dos vencidos. Estes que foram tragados pelos vencedores são ocultados do plano histórico em prol de um progresso sempre retilíneo e uniforme, como se a marcha da civilização não houvesse requerido enormes sacrifícios. Daí a filosofia ter de se reservar a esse exercício de apresentação do que é e traçar também uma apresentação do que poderá ser. E apresentar tem a ver com a memória uma vez que é ela quem pauta aqueles que foram excluídos ou esquecidos do tempo.

Apresentação da verdade é o que Levi opera com a decantação, capturando a lembrança depurada de seus elementos enganadores e falsificadores para que o passado não seja apagado como bem queriam os nazistas. Pois o que o Terceiro Reich promoveu,

seguindo as palavras de Levi, foi uma verdadeira “guerra contra a memória”. Tal fato é bem demonstrado logo na primeira página de *Os afogados e os sobreviventes*:

[...] É significativo como essa rejeição tenha sido prevista pelos próprios culpados; muitos sobreviventes (entre outros, Simon Wiesenthal, nas últimas páginas de *Gli assassini sono fra noi*, Milão, Garzanti, 1970) recordam que os SS se divertiam avisando cinicamente os prisioneiros: “Seja qual for o fim desta guerra, a guerra contra vocês nós ganhamos; ninguém restará para dar testemunho, mas, mesmo que alguém escape, o mundo não lhe dará crédito. Talvez haja suspeitas, discussões, investigações de historiadores, mas não haverá certezas, porque destruiremos as provas juntos com vocês. E ainda que fiquem algumas provas e sobreviva alguém, as pessoas dirão que os fatos narrados são tão monstruosos que não merecem confiança: dirão que são exageros da propaganda aliada e acreditarão em nós, que negaremos tudo, e não em vocês. Nós é que ditaremos a história dos laggers” [...] (LEVI, 2004, p.9)

Nas palavras do SS se encontra o esforço de falseamento da realidade, obstrução da confiabilidade das palavras dos sobreviventes. Isso é significativo para a história, uma vez que esta é sempre a história dos vencedores, como apontara Walter Benjamin em suas teses de 1940. A guerra contra a memória é, com efeito, lida como falsificação da própria realidade. E no sentido em que viemos abordando a relação intrínseca entre memória e verdade, bem como seu método, qual seja, o de apresentação, é uma guerra contra a própria verdade e visa esconder do mundo o massacre do povo judeu e de todos os inimigos do universo concentracionário, e se constitui como ponto central da política alemã do “Reich milenar”. Característica de todo Estado totalitário, concentracionário, para não confrontar a realidade não-totalitária, não-concentracionária, visando sua boa manutenção, é a falsificação da memória. A manutenção do presente no universo da catástrofe, para citar Benjamin, ou do universo concentracionário, para citar Levi, precisa da falsificação da história, portanto, também a falsificação da memória¹⁴.

Com a destruição das provas sob mando de Hitler, a verdade histórica só pode ser traçada na reminiscência, pois os sobreviventes são a prova que os nazistas não conseguiram destruir. O estabelecimento dessa guerra contra a verdade é o ponto de nossa discussão. Ela quebra toda a tradição filosófica que se ancora na investigação das ideias e castra a possibilidade de verdade histórica que só poderá ser reconstituída pela

¹⁴ É interessante recordar aqui das musas gregas. Como sabemos, filhas de Zeus e *Mnemosine*, a memória. Não é por acaso que Clio, musa da literatura e da história, seja filha da memória. Pois apresentar os fatos e sua verdade é contar pela memória aquilo que aconteceu sem falsificações. A verdade contada pelas musas é divina, bem como os deuses e não deve ser falsa.

lembrança dos sobreviventes e, no caso de Primo Levi, sob o método da decantação que visa expurgar o que há de falso na natureza mnêmica do pensamento e restabelecer a reminiscência como verdade do discurso, onde o testemunho será consolidado como ideia, naquele sentido platônico como salvação dos fenômenos, estabelecendo diretrizes para a não repetição dos campos de concentração, só possível em sua atualização verdadeira de identificação dos elementos do passado no presente em que vivemos.

Assim, a decantação é um método que segue os rastros da memória com o passar do tempo. Nos escombros do esquecido e excluído da história, deve a decantação ser o método de recuperação da verdade em Levi. Seu método é apresentativo, apontando para figuras que, aparentemente isoladas, constituem a ideia do fenômeno, salvando-o tanto de Chronos, como da manipulação da verdade pelos vencedores, estabelecendo a verdade histórica pela ideia. No entanto, essa tarefa de reminiscência não é constituída de maneira puramente simples. Apesar dessa defesa da reminiscência e de sua relação com a verdade, é necessário identificar as falhas da memória, com estas superadas, poderemos traçar a ideia de testemunho como o grito de um passado que ainda assola o presente e não deve ser repetido.

4. Conclusão

Durante todo nosso trabalho, procuramos, a partir de algumas filosofias, demonstrar como a memória se relaciona com a apresentação da verdade. Por mais diferentes, devido ao tempo e às configurações de problemas do tempo, os três pensadores se constituem como via de abordagem da temática proposta. Platão procurou uma via de fundamentação da filosofia a partir da memória como caminho à verdade, isto é, a ideia. A memória seria o caminho pelo qual podemos apresentar as ideias dos fenômenos sem que estes sofram alteração na transitoriedade do tempo. Apresentar, expor aquilo que estaria oculto dentro do plano sensível como luta contra o esquecimento, *Alethéia*.

Em Walter Benjamin, expomos como a *rememoração (Eigedenken)* apresenta o presente como que chamando o passado para a redenção. Apresentar os deliberadamente excluídos da história como sua verdade, confrontando a historiografia moderna. Claro, o filósofo alemão não procura, como em Platão no plano das ideias, a eternidade, mas restaurar os estilhaços perdidos, salvando-os do esquecimento e pondo-os na história dita como verdadeira, isto é, a não falsificada. A memória que rememora traz a ideia daqueles que se foram, não porque se foram, mas porque, e isto deve ficar bem claro em nossa

exposição, continuam indo e apagados sob a história tradicional. Ela é a fonte de apresentação da verdade histórica nos seus momentos mais fortes, os de luta, e procura de alteração do mundo catastrófico.

Em tudo isso, a apresentação do testemunho sobre os campos de concentração nazista abarca essa discussão da relação da verdade e da memória e sua forma de apresentação. A tentativa de encobrir o fenômeno do *Lager* não é nova, ela se desenrola em toda a história do Ocidente como falsificação histórica. Assim, as terras brasileiras não foram invadidas e saqueadas, foram simplesmente descobertas, como se não houvesse nativos. A Europa não foi a grande vilã, mas a heroína salvadora que trouxe a civilização aos bárbaros nativos no descobrimento de terras selvagens. No caso do testemunho, ele demonstra essa tendência falsificadora em esquecer e excluir os mortos nos campos de concentração. Assim, demonstra que a memória é importante na revelação da verdade apresentando os acontecimentos dentro dos campos de concentração.

De todo o exposto, resulta a relação íntima entre memória, verdade e sua apresentação. Para se chegar à verdade, a memória se põe como via privilegiada no decorrer da história da filosofia. O modo pelo qual se dá é a apresentação dos fenômenos em sua verdade que continua sendo ocultada seja no plano do sensível, como diria Platão, seja no plano histórico, como faz notar Benjamin. Memória, portanto, é a categoria de caminho à realidade mesma que possibilita a apresentação da verdade do processo histórico.

Referências

- AGAMBEN, G. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. Trad. Selvino J. Assmann. – São Paulo: Boitempo, 2008. (Estado de Sítio).
- AQUINO, J. E. F. *Memória e consciência histórica*. - Fortaleza: EdUECE, 2006.
- BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: Obras *Escolhidas I*. – 7. Ed – São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. Parque Central. In: *Obras Escolhidas III*. Trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. – São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. _____. *Origem do drama barroco alemão*. Trad. S.P ROUANET. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BUTLER, J. Para pensar o presente, Primo Levi. In: *Caminhos Divergentes: Judaicidade e Crítica do Sionismo*. Trad. Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2017.
- GAGNEBIN, J.M. *Lembrar Escrever Esquecer*. 2ª, São Paulo: Editora 34, 2009.
- _____. *Limiar, Aura e Rememoração: Ensaio sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Editora 34, 2014.
- _____. *História e Narração em W. Benjamin*. - São Paulo: Perspectiva: FAPESP: Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.
- LEVI, P. *É Isto um Homem?*. Trad. Luigi Del Re. - Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

- _____. Se questo è un uomo. In: *Opere, V.1.* Torino: Einaudi, 1987.
- _____. *A trégua.* Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. La trégua. In: *Opere, V. 1.* Torino: Einaudi, 1987.
- _____. *Os afogados e os sobreviventes.* Trad. Luiz Sérgio Henriques. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- _____. Il sommersi e i salvati. In: *Opere, v.1.* Torino: Einaudi, 1987.
- _____. “Um passado que acreditávamos não mais voltar”. In: *A assimetria e a vida: Artigos e ensaios 1955 – 1987.* Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- _____. Para que não se repitam os holocaustos de ontem (matanças nazistas, multidões e TV). In: *A assimetria e a vida: Artigos e ensaios 1955 – 1987.* Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- KUPERMANN, D. *Quem testemunha pelas testemunhas? Traumatismo e sublimação em Primo Levi.* Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v27n1/1678-5177-pusp-27-01-00031.pdf> > Acesso em Dezessete de Julho de 2018.
- MACÊDO, L.F. Primo Levi: *A Escrita do Trauma.* – Rio de Janeiro: Subversos, 2014.
- PANARRA, P. M. R. *Améry e Primo Levi: a experiência do intelectual no Lager e o dever de dar testemunho.* Disponível em: < <http://www.redalyc.org/html/934/93412810008/> > Acesso em Dezessete de Julho de 2018.
- PLATÃO. Fédon. In: *Platão, Diálogos III – Socráticos: Fedro (ou do Belo); Eutífron (ou da Religiosidade); Apologia de Sócrates; Críton (ou do Dever); Fédon (ou da Alma).* Trad. Edson Bini. 2º ed. – São Paulo: EDIPRO, 2015.
- _____. Mênon. In: *Platão, Diálogos V: O banquete; Mênon (ou da Virtude); Timeu; Crítias.* Trad. Edson Bini. 2º ed. – São Paulo: EDIPRO, 2010.
- REIS, E.S. Significação da memória e do testemunho em Primo Levi. *Modernos & Contemporâneos - International Journal of Philosophy [issn 2595-1211]*, v.3, n.7., pp. 305-321. jul./dez., 2019.

Recebido em: 21/10/2020
Aprovado em: 08/04/2021